

AS VOZES DO SILÊNCIO

Foi a partir dos meus 9 anos, aproximadamente, que comecei a perceber dois espíritos próximos - além do Zezinho, que, eventualmente, brincava comigo. Via dois espíritos em forma adulta.

Um deles apresentava-se com um traje desconhecido para mim. Parecia um oriental, portando um turbante em tons de azul-claro, com uma pedra encravada no centro, verde-esmeralda. Eu não fazia idéia do que fosse turbante, é óbvio, fato que dava àquilo tudo um aspecto pitoresco, para dizer o mínimo. Ele sempre se mostrava - ou eu o percebia - com uma roupa bem clara, repleta de detalhes bordados. Tinha expressão bastante séria, completada pela barba e pelo cavanhaque muito bem feito. Olhar penetrante, olhos escuros, era Alex Zarthú, nome que fui descobrir bem mais tarde.

O outro espírito se vestia na maior parte das vezes como médico, era alto e muito magro. Ocasionalmente trajava camisa e calça com suspensório. Até meus 17 anos, esses dois espíritos não conversavam comigo. Tampouco percebia o pensamento deles; não dirigiam palavra a mim. Porém, me acompanhavam nos momentos mais difíceis: nessas horas, via sua figura e sentia sua presença, mas não ouvia sequer uma palavra, jamais. Os dois representavam para mim, apesar de todo o seu silêncio, a figura paterna, a autoridade, como se ambos fossem meus pais. Em toda a minha infância e juventude, a pessoa do meu pai carnal foi uma presença apenas simbólica. Não tive um pai presente; quando atravessava algum momento importante ou decisivo, os dois espíritos apareciam, pelo menos até o momento em que ingressei na igreja evangélica.

Esses pensamentos, as emoções e lembranças que despertam, tudo me remete ao ano de 1979, na cidade de Governador Valadares. Era uma tarde de sábado. Eu deveria realizar uma pregação na igreja da qual participava, quando o espírito de aparência oriental resolve aparecer. Ele e o outro amigo espiritual, ao qual viria a dever os melhores momentos de minha vida: Joseph Gleber, o tal médico às vezes de suspensório.

Pastor, o demônio está aqui - anunciei, entre constrangido e aflito.

Mas não é possível - asseverou o Pastor Benedito. - Você é batizado e lavado no sangue de Jesus! Canta, coral!

Eu lá, parado, esperando o coral cantar. À minha frente, o colegiado de pastores aguardava o momento em que me dirigiria àquela assembléia, o que decidiria para sempre o meu destino. Assim eu pensava, assim eu esperava. Queria, com todas as forças de minha alma, ser um ministro de Deus. Aquele era o dia do teste, da pregação da palavra de Deus. Escolhido um versículo aleatório, sem aviso prévio, deveria eu discorrer sobre exegese e hermenêutica bíblicas durante duas horas. Era o exame de praxe para ser admitido no colégio de pastores da igreja, localizado no estado do Espírito Santo. Como já tinha feito todos os cursos extracurriculares disponíveis, restava-me apenas a matrícula numa espécie de curso técnico de teologia, equivalente ao atual ensino médio. Sairia dali como aspirante a pastor, mais um ministro consagrado ao Altíssimo, conforme era esperado por todos.

Creio que minha mãe nunca rezou tanto como naquele dia. Sabia que aquele não era o meu caminho. As mães são sempre mães. Quando eu lhe disse que seria um pastor - minha mãe não era evangélica -, ela me disse que aguardasse o tempo, pois ele era mais sábio do que eu. Eram palavras enigmáticas, que escondiam a sabedoria de uma mulher simples.

O silencioso Zarthú aparece para mim minutos antes de eu começar a pregação.

Como é o demônio, meu filho? - indagou o Pastor Benedito.

Ah! Pastor... Ele tem um monte de pano amarrado na cabeça - respondi, completamente ignorante em matéria de indumentária oriental.

É pra esconder o chifre!... Canta, coral!

Não sei dizer ao certo o que senti, mas de uma coisa tenho certeza: sabia que não sairia dali o mesmo. Zarthú veio de mansinho, e, com o olhar penetrante, senti que me rasgava o interior, devassando-me a alma. Minha respiração ofegante denunciava a emoção daquele momento que eu jamais esqueceria. Ele aproximava-se vibratoriamente de mim. Um misto de medo e de emoções

contidas durante anos se avolumava em meu peito. Senti como se estivesse para explodir, tão forte o coração batia. A presença de Zarthú tinha algo de diferente de todas as outras vezes que o havia visto. Eu não sabia definir o que era, diante da força moral que o espírito deixava transparecer. Ele sabia o que eu pensava - e mais: penetrava meu interior, como se me conhecesse desde longas eras. Não tinha como me furtar ao seu olhar e à sua energia vibrante.

Pensei que iria morrer ali mesmo. O Pastor Benedito segurava minha mão, úmida de suor. Eu tremia e, para o pastor, mantinha o olhar fixo no nada. Mirava alguém que ele não podia ver.

Tem outro demônio, pastor. O outro tem uma máscara que tampa sua boca... - descrevia o apetrecho médico, habitual do então desconhecido Joseph.

É para esconder as presas! Viu como o diabo se disfarça? - e, virando-se, incentivava a comunidade, que já começava a ficar impaciente. - Canta, coral!

Hoje nós vamos falar através de você - nunca esquecerei as primeiras palavras que Zarthú me dirigiu nesta encarnação.

Zarthú falou. Ouvi sua voz pela primeira vez nesta existência. Até então ele nunca me falara; ou, se falara, não se utilizou de palavras articuladas, e eu não soubera interpretar o olhar, a expressão e os gestos. Mas ele resolveu falar.

192

193

Eu percebia sua voz ressoar dentro e fora de mim, potente, marcante e, ao mesmo tempo, suave e pausada. É algo difícil de descrever. Somente com a alma se pode perceber a grandeza de momentos como esses. Nenhuma palavra ou expressão é capaz de representar o significado de que se reveste para mim a palavra de Alex Zarthú.

-Pastor! O diabo disse que vai falar através de mim! - estava apavorado.

-Canta, coral!

Como costume brincar, espírito superior também tem limite para a paciência. Alguns minutos naquele embate dos demônios com o coral e o espírito do turbante repete, em tom de ultimato:

Vamos falar através de você.

Tomado de fé, com toda a força de minha alma, rebato veemente:

-Em nome de Jesus você não fala - senti como se algo quebrasse dentro de mim. A impressão era a de uma casca de ovo se quebrando dentro de minha cabeça.

-Em nome de Jesus eu já estou falando. Olhe para trás.

Não pude acreditar, tamanho o pânico de que fui tomado ao ver a cena que se descortinou diante de mim. Ao virar-me, vi meu corpo no púlpito, expressando-me numa voz que não era minha, com um sotaque estranho, palavras que saíam da minha boca sem que eu as dissesse, tampouco determinasse. Presumo hoje ter sido Joseph Gleber, o outro demônio, a se dirigir à população ali reunida, por fazer mais seu estilo esse tipo de “aparição” pública. Os últimos lances do diálogo com Zarthú haviam ocorrido comigo desdobrado, conversando com o espírito próximo ao teto da igreja, a vários metros do chão. Foram apenas segundos ou frações de segundo até que fosse tomado pela inconsciência, numa das duas únicas vezes em que assisti, fora de mim mesmo, a meu corpo durante a comunicação mediúnica. Não me lembro de mais nada até voltar do transe, quando li, rabiscado a giz no chão do púlpito:

-Termina aqui, hoje, seu estágio nesta religião.

Foram palavras difíceis de ser interpretadas, mas impossíveis de ser contestadas, em razão da firmeza demonstrada por Zarthú. A seguir, proferiu o conselho sábio, do qual até hoje não me esqueço:

-Aconselho-te que estudes os livros de um estranho - para mim - senhor chamado Allan Kardec.

Citou o nome de um centro espírita da cidade, a Associação Espírita Vicente Pifano, trazendo ainda o endereço completo e o nome de quem deveria procurar. Listou também as cinco obras mais importantes do Codificador, uma a uma.

Zarthú não deixava margem para ser interpretado. Suas palavras eram uma sentença da qual eu não poderia escapar. Ele definira, ali na igreja, toda a minha vida dali em diante. A partir de então, fui cativado pela presença e pela energia do amigo que até hoje, através de palavras sábias,

tem guiado meus passos.

Naquela tarde de sábado, porém, meu destino não poderia ser outro: expulsão. Havia sido possuído pelo demônio em plena casa de Deus! Choroso, angustiado, fui-me embora para casa, para o colo de minha mãe, como era o desejo daquele jovem de 17 anos que tivera todos os seus sonhos e esperanças frustrados.

Embora a decepção, que para mim era o fim do mundo, minha mãe me recebe na porta:

Sabia que lá não era seu lugar! Você é do mundo, meu filho, é do mundo, como sempre lhe disse - e antes mesmo que eu pudesse abrir a boca, prossegue.

Ainda vou ver você sentado num toco, incorporado dum preto-velho! - ela satirizava e gargalhava, mas com tal afeto que não pude me chatear.

Mãe!... O demônio me assumiu dentro da igreja!

Eu sei, meu filho, eu sei... Vamos orar.

Era nosso hábito ajoelhar para rezar e assim o fizemos, eu, minha mãe e Bá, a irmã de criação com quem mais estreitei relacionamento. Assim que elevamos nossos pensamentos ao Alto, lá estavam de novo os dois espíritos, responsáveis por minha desdita, segundo avaliava no momento. Desta vez, Bá e Everilda também os viram, o que me faz especular sobre a possibilidade de estarem materializados, apesar de ambas igualmente possuírem vidência. Contudo, a ocasião era relevante, e havia o recurso energético disponível para que a materialização se efetivasse.

Usaram da palavra novamente. Desta vez foi o espírito do médico, conhecido de minha mãe, que falou:

-Temos uma proposta de trabalho na mediuni- dade com Jesus.

Baluciei qualquer coisa, completamente atordoado diante dos acontecimentos marcantes, que mexiam com as emoções.

Ocorre que, uma vez aceita, a proposta não tem volta. Aliás, qualquer que seja sua resposta, será definitiva. Não tem volta. Portanto, daremos um mês para você pensar. Durante um mês, não apareceremos para você e nem você nos ouvirá de forma alguma. Após esse tempo voltaremos a conversar.

E aí eles se diluíram. Minha mãe, sempre discreta e respeitosa, certamente ciente da gravidade da hora, nada falou. Durante o mês seguinte, tentei inúmeras vezes retornar à igreja evangélica. Para a mesma igreja, era impossível. Porém, naquela época, freqüentava duas igrejas, uma aos sábados e outra às terças e sextas-feiras. Em vão. Aonde ia, havia uma carta relatando o acontecido, e o pastor responsável não me aceitava. Resumidamente o documento descrevia o episódio do demônio que me assumira dentro da igreja: "O irmão Robson Pinheiro Santos apostatou da fé". Era um apóstata, alguém que havia desertado da fé, na visão dos antigos irmãos. Não encontrei lugar, nem nas cidades vizinhas. Regressava para casa sempre muito desanimado, e minha mãe invariavelmente dizia:

-Ah, meu filho... Lá não é seu lugar. Eu sabia desde o início que você tinha outro trabalho a fazer. Vamos orar.

Passados exatos 30 dias o espírito Joseph Gleber me procurou, novamente acompanhado de Zarthú. Quer dizer, eu não estava atento à data; estava brincando, jogando qualquer coisa em frente de casa com meus irmãos. De repente, ouvi alguém me chamar repetidamente. Não usava o nome Robson, mas outro, que prefiro não citar. Escutei o nome repetidas vezes, até que minha mãe convidou:

-Filho, vamos lá pra dentro fazer uma oração.

Ao chegarmos ao quarto de minha mãe, ajoelhamos aos pés da cama, como gostávamos de fazer ao rezar. Tão logo nos pusemos a orar, ambos se mostraram e Joseph se antecipou:

Vimos receber sua resposta, saber se você aceita a mediunidade com Jesus.

Durante aquele mês, tive tempo para pensar. Frustrado ante as tentativas de retornar à igreja, lembro que pautei minha decisão de acordo com a seguinte linha de raciocínio: "O Novo Testamento traz duas afirmativas, nas epístolas do apóstolo João. Uma delas: Nisto conheceis o Espírito de Deus: Todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus, mas todo espírito que não confessa a Jesus não é de Deus. A outra, talvez ainda mais significativa: Todo

aquele que confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus está nele, e ele em Deus. Como o espírito está falando da mediunidade com Jesus, então... Essa tal mediunidade não sei o que é, não conheço. Mas, se for de Jesus, é de Deus, e portanto eu topo.”

-Eu aceito.

Caí na bobeira de aceitar!... Falo assim porque os espíritos superiores nunca apresentam imediatamente toda a proposta. Mostram-na à medida que cada passo é dado. Desconhecia o que vinha a reboque da palavra mediunidade; achei que servir a Jesus seria, simplesmente, ficar cantando e louvando a Deus, numa linguagem diferente.

No instante em que pronunciei aquelas duas palavras, Joseph tirou um papel, semelhante a um pergaminho, bem longo mesmo, que desenrolou e pôs-se a ler:

-Pois bem, não tem retorno, então. Você aceita e agora temos umas condições a fim de que você siga o trabalho com o Cristo. A primeira condição: você não se casa nesta encarnação.

Nem sabia o que era encarnação, mas sei que a primeira notícia foi um choque. Queria, a todo custo, casar com a Luzia, com quem namorava firme. Sonho fugaz, porque aproximadamente um mês após o “aceito” seu pai encontrou um emprego em Manaus, no estado do Amazonas, a mais de 4 mil quilômetros de distância! Minha futura esposa partiu imediatamente com toda a família, sem se despedir.

O trabalho que você tem a realizar não é compatível com a administração de uma família, você terá outros filhos em sua vida - explicou o espírito.

Não imaginei a que filhos ele se referia... Somente hoje, tanto tempo depois, vejo que os filhos são os livros, que foram se multiplicando - hoje, mais de 25. Representam os filhos do casamento espiritual, dessa aliança com os espíritos. Além das dezenas de trabalhadores e crianças da casa espírita, é claro.

Joseph enumerou outras exigências. Pouco depois, perguntei a Zarthú o que eu deveria ler para me preparar, e ele disse: O livro dos espíritos. Após uma semana, tendo concluído a leitura, tornei a perguntar: O livro dos espíritos foi a resposta.

Mas de novo?

Reli a obra em um mês.

E agora? - voltei a indagar.

O livro dos espíritos - ele respondeu outra vez. Demorei seis meses na nova leitura e entendi que deveria sempre me manter ligado à obra inaugural da codificação espírita.

O HIPNO

“DEUS É AQUELE QUE DAS TREVAS TIRA A LUZ.

ALEX ZARTHÚ, O INDIANO . GOVERNADOR VALADARES, ANO DE 1979.

Um ou dois meses após ser expulso da igreja evangélica, resolvo acompanhar minha mãe à Associação Espírita Vicente Pifano, onde ela se submetia a um tratamento fluidoterápico ou bioenergético já há algumas semanas. Motivou-se mais particularmente devido ao assédio espiritual que sofria por parte de uma entidade. Embora bastante intenso, confesso que eu nada sabia a respeito. Sempre discreta sobre as dificuldades que a afligiam, ainda mais de ordem espiritual, ela havia mantido silêncio sobre o caso. De todo modo, a luta que vinha travando culminaria ali, naquela noite, num capítulo decisivo.

Chegamos ao ponto de parada do ônibus que nos levara até o centro da cidade, onde se localizava a casa espírita. Assim que Everilda Batista desceu os degraus do ônibus e pôs os pés na calçada, ela foi ao chão, com as pernas completamente imobilizadas. Segura-se com dificuldade, mas fora um tombo feio. Obviamente, meu primeiro reflexo foi acudi-la, ir em seu socorro.

Que é isso, mãe? Que houve? - indaguei, surpreso, estendendo a mão.

Everilda era cabeça-dura ao extremo e, quando estava determinada a levar uma coisa

adiante, não havia quem tirasse de sua cabeça a decisão. Era impossível demovê-la; ia até às últimas conseqüências.

Você está proibido de me ajudar - respondeu- me, ocupando minha mão apenas com sua bolsa. - Isso é entre mim e ele.

Segundos antes de ir ao chão, havia visto o espírito de relance, a seu lado. Era tarde, pois ele já tinha magnetizado seu sistema nervoso e, no mesmo instante, suas pernas se paralisaram totalmente. Eram peso morto; quem a visse naquele momento julgaria que Everilda era portadora de deficiência física, paraplégica. Sem dúvida, estávamos diante de um espírito singular, porque a investida que concretizara era, no mínimo, invulgar. Todavia, isso nem sequer me passou pela cabeça na ocasião.

Havíamos descido do ônibus em frente à rodoviária da cidade, do lado oposto da rua. No trajeto até a Associação Espírita, além dessa havia uma avenida larga a atravessar, e era necessário percorrer a lateral da rodoviária e uma pequena praça. Equivalia a mais ou menos dois ou três quarteirões. Era pouco, mas, na condição em que minha mãe se encontrava, parecia uma caminhada e tanto.

Resoluta, ela reiterou:

Me deixe arrastar sozinha, meu filho, pois vou mostrar a esse espírito quem é mais forte, se ele ou eu.

Everilda estava literalmente paralisada ante a ação magnética do espírito, mas não se abateu; pelo contrário, tinha os olhos bem abertos e falava em tom severo, quase desafiador.

Vou me arrastar até o centro espírita e receber meu passe, custe o que custar - continuou ela. - Esse sujeitinho não sabe com quem está mexendo.

E foi exatamente assim que ela se locomoveu, arrastando-se pelo chão. Comigo ao seu lado, andando muitíssimo devagar, atravessamos a rua tão logo o fluxo de automóveis foi interrompido. Quem olhasse de longe certamente estranharia um jovem saudável andando ao lado de uma senhora que se arrastava pelo asfalto, apoiando-se apenas nos braços. À medida que nos aproximávamos da casa espírita, suas pernas foram ficando cada vez mais sujas e esfoladas. Era muito difícil vê-la naquela situação, começando a sangrar devido às escoriações. É uma situação degradante, que a maior parte de nós, caminhantes, não imagina.

Com muito custo, mas avançando sem nenhuma interrupção - ela não permitiu -, chegamos à porta do centro. Foram os 10 ou 15 minutos mais longos da minha vida; não sei como consegui manter a calma, pois é dilacerante ver alguém que se ama naquela situação. Subi os poucos degraus e fiz questão de dar a mão para minha mãe. Ela me esculachou:

-Não te falei que eu me virava sozinha?! Pois sozinha também vou me levantar.

Assim foi feito, pois, logo que chegamos à porta do centro, o espírito a libertou. Pôs-se de pé com as pernas sujas e ligeiramente ensangüentadas, recusando-se a receber auxílio. Disse-me em seguida, com firmeza:

-Quero ver que espírito miserável é esse que acha de pode me vencer numa disputa. Vamos ver se ele me dobra com essa história de me perseguir.

Eu ignorava por completo quem era aquela entidade. Além do mais, era uma das primeiras vezes que eu visitava o centro espírita. Lembro bem que estávamos numa quarta-feira e era dia de reunião pública. Everilda Batista se viu livre do algóz, que, possivelmente, empreendera ali o ápice da perseguição. Deduzi que a contenda já estava em curso há certo tempo pelo fato de ela ter reagido sem surpresa à ocorrência, no mínimo, inusitada.

O CALENDÁRIO AGORA MARCA O ANO DE 1989.

Marcos Leão e eu auxiliávamos no restabelecimento de uma casa espírita no Bairro Serrano, em Belo Horizonte, cujo dirigente havia desencarnado e os trabalhos se desestruturaram completamente. Ao mesmo tempo, participávamos ativamente de outra fraternidade recém-inaugurada, de nome Obreiros da Vida Eterna. A Casa de Caridade, como chamávamos a primeira instituição, passava por momentos graves, e vários companheiros se reuniram para auxiliar na

reorganização das atividades.

Em uma das reuniões mediúnicas, em que eu trabalhava com a psicografia, recebi uma mensagem deveras interessante, falando acerca do compromisso moral dos médiuns da casa. O autor espiritual discorria com base em passagens bíblicas, fazendo uma ponte entre os ensinamentos do Evangelho e a conduta dos médiuns. E assinava: Estêvão.

Todos os presentes ficaram muito impressionados com o conteúdo enriquecedor da comunicação. O dirigente da reunião chegou a pedi-la emprestada, a fim de imprimir e distribuir entre os integrantes da equipe mediúnica. Tão logo fiz menção de entregar- lhe a mensagem, ouço o espírito Zarthú:

-Tem certeza, meu filho? - diz, sem qualquer afetação. - Cautela.

Eis uma palavra que, na boca de Zarthú, representa grande perigo: Cautela. Conforme pude aprender ao longo do tempo, traduzindo para o bom português, significa algo como Sai correndo! ou De jeito nenhum!, a depender da situação.

E repetiu:

-Cautela, meu filho, muita cautela.

Entendi que não seria prudente divulgar a psicografia. Assim, decidi guardá-la para reflexão posterior.

BOFETÃO FRATERNAL

Rua Rio de Janeiro, centro de Belo Horizonte. 1993. Marcos Leão e eu alugávamos uma sala comercial num quarteirão fechado ou calçadão de um dos principais pontos da cidade, a Praça Sete de Setembro ou, na língua do povo, simplesmente Praça Sete. Trabalhávamos com bijuterias finas, um produto realmente selecionado, que freqüentava as vitrines das melhores butiques da região. Tínhamos ali a fábrica e o escritório. Era uma sala ampla, onde mantínhamos todo o mostruário à disposição de clientes e distribuidores. Ganhamos um concurso de melhor design de bijuterias finas, e o prêmio consistia em representar Minas Gerais numa grande feira do setor em Barcelona, na Espanha. Nosso escritório ficava no nono andar do edifício, se não me falha a memória.

Um belo dia, adentra pela porta uma mulher sofisticadíssima, um tanto obesa, que realmente chamava a atenção pela presença singular. Unhas grandes e muito bem pintadas, trajes pretos, exibia muitos e belos acessórios, com direito a maquiagem e salto alto. Seu perfume a precedia. Como toque final à figura exótica e atraente, carregava um gato siamês cuidadosamente escovado. Pediu-nos para ver a coleção de bijuterias mais requintada que tivéssemos.

-Mas claro, como não? - era indisfarçável a em- polgação de Marcos. - A senhora veio ao lugar certo. Todas as nossas peças são de primeira linha e de design próprio.

Mostrou-lhe todas as peças de que dispúnhamos, enquanto ela escolhia uma a uma aquelas que lhe interessavam. Era insaciável. Comprou mais da metade de nosso estoque e pagou à vista. Estávamos realmente numa fase próspera no campo profissional, muito satisfeitos com os negócios, que iam de vento em popa.

Um mês depois, a mulher apareceu novamente e, além do gato siamês, acompanhou-a um homem igualmente elegante, porém mais discreto. Trajava costume bem clássico, o que o distinguia da população em geral, já que em Belo Horizonte esse traje não é tão freqüente como em outras capitais. Parecia ser o assistente daquela autêntica madame. Uma vez mais escolheu dúzias de peças, entre colares, brincos e pulseiras. Depois de elogiar nossa competência e criatividade, terminou por levar toda a coleção. Pagou mais uma vez à vista, em espécie. Era o máximo! Estávamos maravilhados. Para um negócio pequeno como o nosso, não só o faturamento daquelas grandes vendas era muito representativo, mas sobretudo o reconhecimento chegando com a vitória no concurso, os grandes compradores... Antes de deixar nosso show-room, encomendou uma coleção completa, a ser produzida inteiramente em cristal tcheco, material importado do leste europeu. Caro, portanto. O pedido continha de 50 a 100 peças de cada modelo.

Embevecidos, Marcos e eu nos dirigimos a São Paulo, a fim de adquirir a matéria-prima, pois nossa cidade não ofereceria preço competitivo nem estoque nos fornecedores. Até então era o

maior volume fechado negociado de uma única vez. Trabalhamos dia e noite na confecção das peças, até que finalmente ficaram prontas. Na data marcada, a mulher retornou com suas duas companhias - o felino e o assessor ou guarda-costas, conforme especulávamos. Examinou a coleção, apreciou os resultados e, assim que embalamos toda a produção, ela disse:

-Gostaria de pedir-lhes um favor. Das outras vezes, levei tudo à vista, em espécie; contudo, o volume agora é maior. Preciso emitir um cheque para 15 dias, no valor total da compra. Não é necessário parcelar. Bastam-me 15 dias de prazo.

Não poderíamos deixar de fazer o negócio. Afinal, a cliente comprara duas vezes um valor muito alto e, como havia dito, à vista, sem nem sequer pedir desconto. Em resumo, demonstrara ser de confiança, segundo avaliávamos.

Depois que partiu, tratamos de comemorar. Nunca tínhamos feito uma transação de tão alto valor. Permanecemos com aquela alegria contagiosa por exatos dois dias, já traçando os planos para nova coleção. Até que, de súbito, no meio do expediente, a polícia federal invade nosso escritório, revólver em punho. Eram uns 7 homens numa importante operação que perseguia um dos maiores estelionatários do estado. Um casal roubara muitos cheques na região do Triângulo Mineiro e fizera inúmeras transações no comércio de Belo Horizonte, espalhando cheques roubados por todo lugar. Havíamos sido tão-somente alvo de um dos muitos golpes que a dupla aplicara na cidade. Vinham sendo investigados pela polícia e estavam foragidos há meses.

Além de nossa enorme ingenuidade, na época não eram tão popularizados os sistemas de consulta ao Sistema de Proteção ao Crédito. De todo modo, depois do calote, era fácil avaliar que agimos de forma precipitada. Mas também era inócua essa conclusão. Agora, nosso problema era descobrir o que fazer para contornar problemas de tal magnitude. Não tínhamos idéia de como fazer para saldar as dívidas que contraímos em São Paulo, na aquisição de matéria-prima, nem de como pagar toda a mão-de-obra recrutada para fazer a coleção. Não tínhamos capital, patrimônio pessoal, nada. Morávamos de aluguel, andávamos de ônibus; levávamos uma vida modesta e regrada.

Uma semana depois da decepção, encontrava-me sozinho no nono andar do edifício, olhando pela janela de nossa sala. Estava muito desiludido, pensativo e deprimido; no fundo do poço. Não via saída para aquela situação. Contemplando a paisagem, o movimento frenético dos carros lá embaixo, os passos apressados das pessoas, olhei para cima, como a buscar inspiração, alguma solução ou esperança. No entanto, um misto de angústia e amargura sufocava-me o peito. Quis fugir. Desaparecer dali, num passe de mágica. Foi quando reparei nos pombos que vinham do alto e davam vôos rasantes, circulando livremente entre terraços e sacadas dos prédios da vizinhança. Voavam, voavam, até finalmente pousar aqui e acolá, como bem entendiam. Vi alguns pombos mais abaixo, próximos de onde eu estava. Havia muitos naquela tarde, ora decolando ora pousando no parapeito da janela daquele nono andar. Em dado momento, ocorreu-me o pensamento:

-Meu Deus! Se eu tivesse asas para voar como aquelas pombas... Voaria já, para bem longe daqui, e não teria de enfrentar essa bomba que hoje temos em nossas mãos. Como eu gostaria de voar.

Naquele instante, ensaiei olhar mais para baixo, debruçando-me sobre o parapeito da janela. Desejava observar os pombos com mais detalhes, em seu vôo que me parecia tão libertador.

-Ááááááá! - escutei, de súbito.

Era um grito alto, estridente, repentino. Logo após, um choro quase convulsivo, somado a berros escandalosos. Uma criança, filha do inquilino de uma sala no mesmo piso, começou a chorar copiosamente, o que me arrancou do semitranse a que me entregara. Automaticamente, fui em direção a ela. Depois que a conduzi à sala do seu pai, sacudi a cabeça, ainda um tanto atordoado, e desci para a portaria do prédio, pois me distraíra do episódio dos pombos. Estava tão desolado que não me dei conta, por exemplo, de que poderia fazer uma prece. Não percebi com nitidez o que ocorrera.

Conversei um pouco com o porteiro e saí em direção à rua, a fim de andar um pouco e - quem sabe- desanuviar os pensamentos, liberando-os da frustração que representava o ocorrido, o golpe que recebêramos. Caminhei até uma das transversais, a Rua Carijós, e dali pensava em ir ao

Parque Municipal, a menos de 10 minutos dali, a pé, usufruir da companhia das árvores e dos chafarizes. Desci duas quadras da Rua Carijós ainda envolto em pensamentos conturbados. Quase na esquina com Rua da Bahia, recebo um golpe fortíssimo na face, uma baita bordoadá vinda de alguém que não conhecia e que também não cheguei a ver. Fui arremessado para o lado oposto ao que me encontrava, enquanto dois veículos colidiram um com outro exatamente no lugar onde eu passara pouco antes. Arranhei o braço e machuquei a perna no tombo, entretanto, salvei-me do acidente certo. Eu seria atingido em cheio caso o soco não tivesse me desviado da rota. Com esse episódio, os acontecimentos recentes ganharam contornos graves e, finalmente, fui içado do torpor em que me achava. Os pensamentos desconexos me deixaram, cedendo lugar à preocupação pelo que sucedera nas últimas horas. A polícia logo se fez presente e me envolvi com tudo aquilo. Só pude concluir que fora auxiliado de alguma forma, não sei por quem, mas que me livrara de danos maiores.

A MEDICINA DA ALMA

Novo local: um apartamento do hospital onde me internara há algumas semanas, desde o carnaval de 1997. Após um período de 19 dias no CTI, retornei à consciência já no leito de um quarto, levado pelos espíritos, que, por sua própria conta, deram fim ao coma. Incorporaram dentro do cti, desconectaram-me da aparelhagem médica e conduziram-me ao apartamento. Conforme relatei, eram os bastidores do livro Medicina da alma, que acabara de entrar em produção.

Por esses dias, deitado e ainda muito fraco - cerca de 35kg mais magro -, reparo em um espírito cuja indumentária parecia ser toda confeccionada do mesmo material verde-musgo, uma espécie de plástico ou lona grossa. Ao movimentar-se, sua roupa fazia um barulho característico, que me despertou atenção inicialmente, me fazendo percebê-lo. Com efeito, era semelhante a um plástico endurecido, e ele arrastava-se de lá para cá, acompanhado de um odor fétido. Inegavelmente, havia um quê de crueldade em sua fisionomia. À frente do hospital, durante aqueles instantes, um grupo de jovens cantava, liderado por D. Maria Pinto, saudosa trabalhadora da União Espírita Mineira. Endereçavam a mim suas vibrações, mobilizados em virtude da repercussão do livro Canção da esperança, que chegara às livrarias no ano anterior.

O espírito sentou-se na poltrona ao lado da cama onde eu me encontrava estirado e, apontando em direção à janela, de onde vinha a música dos jovens, disse-me, num misto de raiva e desprezo:

-Esses miseráveis! São uns idiotas. Você está usando de uma arma desonesta. Mas pensa que vai me vencer com sua artimanha?

Desconhecendo a que se referia a entidade, respondi no mesmo tom:

-Não sei do que você está falando nem sei por que veio até aqui.

-Vou destruir você, seu desgraçado! Eu lhe odeio com todas as forças de minha alma.

E o diálogo transcorreu mais ou menos assim:

-Bom - retuquei, em pé de igualdade. - Se pensa em me matar, é melhor tentar outro plano. Você não me conhece e portanto não sabe que estou na doutrina espírita não porque eu seja bom... Pelo contrário, é porque não presto e estou nela para melhorar. Porém, se eu passar para o seu lado da vida por sua causa, é você quem vai se ver comigo. Vou tornar-me seu perseguidor e não vou deixar você em paz um segundo sequer. Aí então veremos quem é o pior.

Depois de algum tempo nessa “troca de gentilezas”, o espírito voltou-se para mim e disse:

-Você se lembra do que aconteceu com você lá no prédio onde trabalhava, em 1993?

Como eu ia me recordar assim, de súbito, de algo ocorrido há quatro anos? Uma entre milhares de coisas que acontecem todos os dias... O espírito prosseguiu:

-Você estava na janela vendo os pombos voar e sentiu um desejo de voar também. Eu é que estava ao seu lado e quase o fiz suicidar-se, não fosse aquela miserável criança aparecer no corredor, invadindo sua sala.

Imediatamente, o acontecimento me veio à memória.

-Lembra-se do que aconteceu lá na Rua dos Carijós? - acrescentou ele. - O carro quase lhe

atropelou, recorda? Você sentiu um tapa no rosto, um bofetão... Pois bem, esse não fui eu, e sim seu amigo espiritual, que tentava livrá-lo de mim. Eu estava é dentro do carro que teria atropelado você, caso não fosse a intromissão de um tal mentor seu. Por pouco você não perdeu a vida naquele dia, por duas vezes, e eu obtive sucesso no meu intento.

Aos poucos o estranho ser desfilava o rosário de tentativas frustradas de acabar com minha vida. Dedicava-se há mais de 10 anos a essa empreitada. Mas havia algo mais em mim que o incomodava, e eu não suspeitava do que podia se tratar.

Novamente, ouviu-se a música lá fora, e ele, olhando furioso pela janela, disse-me:

-Miserável, você! Está usando de uma arma poderosa contra mim. Mas me verá ainda...
Aguarde!

Saiu, ou melhor, deixei de percebê-lo através da vidência. Restávamos somente eu e o espírito Zarthú, que me repreendeu:

-Cautela, meu filho, cautela com esse espírito. Você não tem idéia do perigo que ele representa.

Ouvi o benfeitor, mas confesso que menosprezei sua advertência, pois sempre achei que a melhor saída era enfrentar corajosamente qualquer espírito que se pusesse a desferir ameaças. Em nome da defesa ao trabalho, agir com total destemor era a atitude mais inteligente, a meu ver.

Ainda sob o impacto emocional dos acontecimentos que marcaram profundamente minha vida naqueles dias no hospital, recebi alta e fui para casa. Mais ou menos recuperado do transtorno físico causado pela infecção hospitalar, poucos dias após a psicografia do livro Tambores de Angola fui à casa espírita. Era sábado, dia de atendimento às nossas crianças. Assim que lá cheguei, o espírito de verde-musgo novamente apareceu para mim, porém, desta vez, com todo o circo armado.

Recebeu-me “afetuosamente”, conforme relatei na introdução inédita que escrevi para o livro Medicina da alma em 2007, quando a obra completou 10 anos. Transcrevo trecho dela extraído, para comentá-lo em seguida.

Tínhamos, na época, 45 crianças mantidas no trabalho que desenvolvíamos, de apoio familiar e promoção humana [na Sociedade Espírita Everilda Batista]. Certo dia, já mais refeito, fui à casa espírita, e a primeira pessoa que encontrei foi Nina, voluntária que alimentava as crianças. Entre as meninas que vi ali, sendo atendidas, uma sobressaía devido à feiúra e ao completo desleixo na aparência. Sem meias palavras: era feia de doer.

Nesse exato momento, o mesmo espírito do quarto de hospital resolve aparecer novamente.

-Vou destruir essa miserável - sentenciava, apontando para a criança, que, de tão feia e suja, parecia abandonada.

-Você verá o que vou fazer com essa coisa... - referia-se à menina.

Diante da ameaça do espírito, tomei a criança no colo num só impulso e passei a enfrentar o espírito, discutindo, efetivamente brigando com ele. (...)

Falei que defenderia a criança a toda prova e que seria abrigada por mim e pela instituição, embora a situação e a aparência lamentáveis em que se encontrava.

-Você ama essa criança horrível? - perguntou o espírito, visivelmente transtornado.

De forma alguma. É claro que não amo, pois somente hoje a estou vendo, pela primeira vez. Mas me esforçarei para amar, é claro, principalmente depois de lhe dar um banho e roupas decentes. Se dissesse que amo alguém que nunca vi estaria mentindo para você. Contudo, se ela veio até nossa casa espírita, é porque os mentores a confiaram a mim (...). Me esforçarei para amá-la e, um dia, com certeza conseguirei. Mas isso não importa agora! Você não fará coisa alguma contra essa criatura, pois ela está sob a minha tutela.

Resoluto, entreguei a criança para Nina, que coordenava as atividades naquela tarde de sábado. Quando já esboçava os primeiros passos em direção a um local reservado da casa espírita, o espírito me deteve. Meu plano era desdobrar-me e enfrentá-lo pessoalmente, pois tenho a facilidade de me projetar fora do corpo com lucidez. Ele de modo algum faria qualquer coisa contra a criança.

Eis que o espírito começou a chorar quando eu tomei a causa da criança e a defendi.

Perguntou-me:

-Você sabe quem é essa miserável que você defende mesmo sem conhecer?

-Não! Não faço a menor idéia. Como disse antes, estou vendo essa menina pela primeira vez.

Aos prantos, disse-me, então:

-Ela é minha filha! Essa criança foi minha filha em minha última encarnação. E, se você é capaz de defendê-la da maneira como o fez, mesmo sendo ela filha de seu perseguidor, que desejava matá-lo, é porque a doutrina que você abraça tem algo diferente.

“Você me venceu! A partir de agora, quero conhecer mais essa doutrina que você adotou como regra de vida. E tem mais - acrescentou o espírito, visivelmente abatido. - A partir de agora, serei seu guardião. Eu o defenderei contra qualquer ataque. Pedirei permissão para acompanhá-lo e, quando você falar de seus livros, conte minha história, a história de alguém que foi vencido pela força do amor.”

Não fomos apenas eu e Nina que acompanhamos a situação... Mais alguns companheiros presenciaram a cena, que envolvia a criança suja e o diálogo que se passou entre mim e o espírito. Tudo isso ainda está fortemente impresso em minha memória, com todos os detalhes. Seria capaz de jurar, ainda hoje, que os eventos se deram rigorosamente da forma relatada. Entretanto - nem sequer desconfiava -, havíamos sido vítima dos artifícios de uma entidade extremamente habilidosa. Somente 10 anos mais tarde é que nos seria revelada a verdade por detrás dos acontecimentos daquela tarde de sábado.

Naquele dia, o silêncio dos espíritos a respeito do ocorrido foi quebrado apenas por Zarthú, que, mais uma vez, alertou:

- Cautela com este espírito, você não sabe o quanto ele é perigoso.

Por muitos anos, enquanto eu fazia palestras de lançamento do livro *Medicina da alma*, em vários cantos do Brasil, notava a presença da entidade, que me pedia para contar sua história como um testemunho de conversão pela força do amor... E assim o fiz, convencido da realidade de suas palavras e das cenas que vivenciara. Descobriria bem mais tarde quanto estava enganado a respeito desse habitante da esfera extrafísica. Naquele tempo, não conhecíamos nem lidávamos ordinariamente com as obsessões complexas, tampouco havíamos dado início às abordagens sistemáticas de tais casos com o emprego da técnica apométrica. Em suma, acreditei sinceramente que o espírito estivesse do lado do bem. Por muitos e muitos anos.

Houve outro fato passageiro relacionado ao caso, ao qual não atribuí maior importância. Deu-se na região metropolitana do Recife, num *workshop* que ministrei acerca de técnicas de magnetismo. De relance, por um breve instante, notei como a tal entidade parecia fugir da presença de Jamar, um dos espíritos guardiões comprometidos com nosso trabalho. Estranhei aquilo, mas, em vez de indagar os espíritos a respeito do que eu percebera, calei-me. Deixei que se passasse o tempo e acabei me esquecendo da visão, sem esclarecer minha desconfiança.

O HIPNO ATACA DE NOVO

Ano: 2004. Local: Jaboatão dos Guararapes, município do Grande Recife, Pe. Meu editor, Leonardo Möller, e eu viajávamos por um período relativamente longo, no qual faríamos muitas palestras na região metropolitana da capital pernambucana. Visitaríamos Olinda, Paulista, Jaboatão dos Guararapes, entre outros lugares. Já havíamos realizado diversas palestras nesses lugares e estávamos acostumados com os procedimentos da viagem, tanto quanto aqueles que os recebiam já tinham se habituado a lidar com nossas manias e com nosso jeito, que nem sempre agrada.

Por algum motivo - que, a meu ver, só a influência espiritual explica -, diferentemente das demais vezes que ali estivemos, não realizamos as orações que são parte da rotina ao nos hospedar em qualquer local. De maneira imprevidente, deixamos de evocar os guardiões para reforçar a guarda em torno de nós e esquecemos de formar campos de força e de proteção no ambiente onde

dormiríamos. Envolvemo-nos de tal modo no ambiente agitado onde nos estabelecemos que simplesmente nos descuidamos dos princípios mais elementares de autodefesa psíquica, energética e espiritual.

Um espírito ou um grupo de espíritos aproveitou-se da situação e armou uma sucessão de ardis em nosso caminho. Não encadeamos os fatos, é claro, e partimos para a tarefa, que, em todos os sentidos e sob qualquer ângulo que se examine, foi a mais difícil, terrível e complicada dos últimos anos. Em todos os centros espíritas onde falei, sem exceção, houve ocorrências que tornaram a realização das palestras um tormento. Voltávamos para casa indignados, noite após noite. Numa delas, ao retornar, sentamo-nos à mesa para lancha, como de costume. Senti um odor diferente, um cheiro azedo e profundamente desagradável. Com náuseas, recusei alimentar-me e fui deitar-me. Na manhã seguinte, ao acordar, deparo com uma barata enorme andando sobre a face e a boca de Leonardo, que dormia na cama ao lado, no mesmo quarto. Chamei-o, assim que a vi deixar seu rosto. Resultado: nos dias subseqüentes, Leonardo teve uma erupção cutânea de grandes proporções.

Um pouco mais de malícia ou de atenção, apenas, e poderíamos associar os fenômenos à ação de alguma inteligência extrafísica operando nos bastidores, mas não. Mais tarde soubemos que o odor era uma armadilha. Um envenenamento que seria provocado por uma espécie de feiticeiro desencarnado, que, ciente do hábito de comer algo antes de dormir, preparou uma cumbuca com material astral tóxico, endereçada a mim, e deixou-a sobre a mesa, astutamente.

No meio da viagem migramos de Jaboatão dos Guararapes para Olinda, porém tudo dera errado como os hotéis que supostamente haviam sido reservados por quem nos convidara. Tais estabelecimentos não ofereciam a mínima estrutura para nossa acomodação e, por isso, partimos para outros, mas estavam todos lotados... Foi um dia inteiro, no calor intolerável, até termos de pagar um dos mais caros da cidade, o único com vagas disponíveis. Ficamos à mercê de várias outras situações desafiadoras, que ocultavam forças de natureza insuspeita para nós, até então.

O golpe de mestre se deu num dos dias que antecederam esse episódio dos hotéis. Depois de uma noite de insônia, no mesmo quarto da tal barata, amanheci o dia com muita dor e a saúde bem abalada. Sentia que algo grave tinha ocorrido. Foi Joseph Gleber quem me esclareceu, naquele mesmo dia:

Vocês foram vítimas de um ataque de grandes proporções. Equipamentos de tecnologia astral foram montados circundando o ambiente onde repousam. Cientistas das sombras projetaram, sobre vocês dois, forte emanção radioativa obtida a partir do césio 14. Além de desviar de Leonardo a porção direcionada a ele, canalizando-a para você, absorvi 80% das irradiações em meu próprio perispírito, pois me interpus entre o aparelho e você. Mas os 20% que o atingiram causarão estrago. Esteja preparado.

Estava longe de imaginar o alcance do que vivenciávamos em Recife, naquela ocasião. No entanto, o ataque visava mesmo nossa morte, segundo nos informou Joseph.

Àquela altura, evidentemente, já tínhamos recorrido à oração diversas vezes, trocado passes magnéticos, feito leituras... Contudo, o descuido inicial tinha aberto tal brecha que o prejuízo era irreversível.

Cumprimos a agenda de compromissos até o final. Quando chegou a hora de retomar a Belo Horizonte, já há alguns dias vínhamos mantendo contato com a equipe de médiuns de nossa casa espírita. Reuniam-se diariamente para nos dar o suporte imprescindível, a fim de que conseguíssemos regressar. Não foi fácil, mesmo com todo o auxílio.

Estávamos às vésperas da falência da antiga Varig, cujos vôos estavam um verdadeiro caos. Diante das circunstâncias, nossa passagem, é claro, não podia ser de outra companhia aérea. Uma viagem que deveria durar pouco mais de 5 horas transformou-se num inferno que se estendeu por mais de 24 horas de dissabores, prantos, complicações e nítida influência de entidades inteligentes e devotadas ao mal. Partimos de Recife às 16 horas, com 2 horas de atraso. Em vez de Guarulhos, parada original de conexão, fomos acomodados num vôo para o Galeão, no Rio de Janeiro. Ao chegar lá, sucessivas previsões de decolagem para Belo Horizonte: 20h30, 21h30, 22h45, 23h59... Todos esses horários foram estimados pela companhia aérea, um a um. Quando a espera se aliviava,

ao aproximar-se o horário anunciado, o alto-falante comunicava novo adiamento. Ao ouvir o último anúncio, desistimos e fomos trocar a passagem para o dia seguinte. Ainda tivemos de ouvir do alienado funcionário:

-Somos a melhor e maior companhia aérea do Brasil. Olhe a quantidade de guichês que operamos neste terminal!

Como diz o ditado, e o funcionário confirmou, perde-se tudo, menos a pose. Foram 45 minutos perambulando de cá para lá até trocarmos para um voo às 14 horas do dia seguinte. E gastamos mais outro tempo equivalente até visitarmos ambos os hotéis nas dependências do aeroporto e decidirmos pelo mais barato. Era uma diária de apartamento superior ou luxo para um cubículo abafado, sem janelas e com pé-direito muito baixo.

Não tínhamos como arcar com outra opção, principalmente depois do gasto imprevisto com a onerosa hospedagem em Olinda. A legislação prevê que, caso o atraso ultrapasse 4 horas, a companhia aérea deve arcar com todas as despesas de alimentação, deslocamento e hospedagem do passageiro. Entretanto, a tolerância se renova a cada conexão, ou seja, as duas horas de espera em Recife não se somavam às 3 horas em solo no Rio de Janeiro. Todo o abuso era perfeitamente legal. Além do mais, a iminente bancarrota da Varig tornava remotíssima a hipótese de reembolso.

Durante nossa peregrinação na tentativa de voltar para casa, mantivemos contato diversas vezes com a equipe reunida na Casa de Everilda Batista. Permaneciam ligados ao que acontecia conosco, fato que foi fundamental para que aterrissássemos em segurança no Aeroporto Internacional Tancredo Neves, em Confins, nas imediações da capital mineira. Isso foi tão importante quanto a atuação dos benfeitores.

Finalmente pousamos, pontualmente, num sábado. Recebemos um telefonema ainda no aeroporto de Confins, há 50km de nossa casa espírita:

Vocês não vão para casa de jeito nenhum - disse Sônia, uma das dirigentes do departamento mediúnico. - Venham direto para a Sociedade, pois estamos com uma equipe de prontidão. Os espíritos os esperam aqui.

Não havia o que argumentar em contrário. Precisávamos - e como - fortalecer as defesas espirituais e energéticas. Fomos socorridos e amparados naquele dia e em outros mais. Não obstante, o ataque energético acarretou conseqüências sérias para minha saúde, que atingiram seu ápice em fevereiro de 2006.

Havia uma palestra agendada em Ilhéus no primeiro sábado daquele mês. As passagens para a cidade do sul da Bahia já estavam compradas. Embarcaria no dia 2 de fevereiro, mas, parafraseando o grande Dorival Caymmi, não fui o primeiro a saudar Iemanjá. O litoral permaneceu distante.

Alguns dias antes dessa data, compareci a uma consulta de emergência devido a dores na região abdominal, que se haviam avolumado nas últimas horas. No segundo atendimento, o médico disse, com convicção:

-Realmente, não podemos adiar a intervenção cirúrgica. A região está muito inflamada. Mas será uma punção, uma drenagem simples. Portanto, você poderá fazer sua viagem tranquilamente. Haverá certo incômodo, já que não podemos suturar, devido à inflamação e ao pus. No entanto, não é nada que o impeça de viajar. Operamos amanhã e você sai do hospital no dia seguinte. Na sexta você pode tomar seu avião.

Os dois dias de recuperação anunciados pelo médico transformaram-se em nove longos meses. Durante todo esse período, fiquei apenas 12 dias sem sentir dor. Meu médico - sempre dei "sorte" com eles - não prescrevia nada especial para a dor, a despeito de minha insistência. Apenas recomendava os analgésicos convencionais: paracetamol, dipirona sódica, entre outros. Até que uma amiga me ofereceu uma caixa de comprimidos mais fortes, cuja receita fica retida na farmácia. Foram 12 comprimidos, 12 dias de alívio.

De junho a agosto daquele fatídico ano, deu-se a psicografia de Legião, o primeiro volume da Trilogia O Reino das Sombras.

-Não lhe posso tirar a dor - disse o autor espiritual, Ângelo Inácio, ao propor o trabalho. - Contudo, posso distrair sua mente, envolvendo-o nas cenas do livro.

Deitado de bruços, apoiava-me nos cotovelos, sobre a cama. Com almofadas postas sob as axilas, estendia os braços até o notebook, no qual Ângelo digitou as palavras que originaram a obra.

Ao longo do processo, novamente emagreci cerca de 35kg. A magreza agravou-se em virtude de uma complicação decorrente de um comprimido prescrito pelo mesmo médico, que, por tentativa e erro - e quantos erros! -, tentava combater a inflamação e a conseqüente falta de cicatrização. Esse medicamento me causou uma reação no esôfago, que exigiu uma alimentação exclusivamente pastosa por quase dois meses, isto é: quando conseguia ingerir algo. Nunca sabia se agüentaria comer, até servir-me da comida e experimentá-la. Era sempre uma incógnita. Quantos se empenhavam por preparar-me uma refeição ou arrastar-me até um restaurante, mas eu não suportava a deglutição. Além disso, havia os gastos astronômicos com caixas e caixas de remédio que não surtiam efeito e eram largadas pela metade, entre tantas outras despesas. Sem poder trabalhar, a situação financeira agravou-se novamente. Com tudo isso, as emoções, em frangalhos, reservaram-me dias, no mínimo, interessantes.

Não se deve olhar para o passado a não ser para o aprendizado, sob pena de nos transformarmos em estátuas de sal, feito a mulher de Lot, do Antigo Testamento. Mas também devo olhar para agradecer encarnados e desencarnados, que, com maior ou menor paciência, conduziram-me por esses momentos difíceis, que não desejo nem mesmo a meus algozes mais tenazes.

Foram inúmeros atendimentos mediúnicos e bioenergéticos visando ao restabelecimento da saúde. E como ajudaram. Mesmo assim, as complicações se estenderam, parcialmente amenizadas, até o mês de julho de 2008, quando me submeti a nova cirurgia. O problema não foi sanado por completo, porém já posso me movimentar com maior tranqüilidade e sem dor.

Traço comum aos muitos médicos que consultei antes de sujeitar-me à nova operação, todos repetiram, em uníssono, ao examinar-me:

- Podemos ler a respeito de uma fistula como a sua, mas não a vemos, pois é muitíssimo rara e complexa. Há somente uma explicação plausível para isso ter eclodido em seu organismo: a exposição à radioatividade. Necessariamente, você se expôs a um nível de radiação muitíssimo intenso. Você trabalha com radiografias ou algum outro componente radioativo?

Sem revelar a nenhum dos profissionais da saúde as peripécias de um médium destrambelhado, apenas pensava, ao escutar as reiteradas explicações: “Isso, porque recebi o impacto de apenas 20% das energias irradiadas pelos espíritos que queriam me assassinar”.

O HIPNO REVELADO

Recentemente, recebi um telefonema de um médium do Triângulo Mineiro. Disse-me que, ao ler a edição especial do livro Medicina da alma, sentiu-se na obrigação de me ligar, ao tomar conhecimento dos fatos relatados no trecho que reproduzi agora, neste capítulo. Segundo contou, vivenciara a mesma experiência, nos mínimos detalhes, inclusive com uma criança cuja descrição é idêntica à que eu vira. Relatou-me mais. Informou que dois outros médiuns conhecidos dele também passaram por igual episódio, com o mesmo protagonista de verde-musgo. Divisaram o ser extrafísico envergando traje idêntico ao que descrevi no livro. Conversamos bastante e observamos alguns aspectos comuns. Todos nós, os médiuns que o tal espírito influenciou, em maior ou menor medida, trabalhamos com o mesmo foco. Mediunicamente, atuamos no âmbito das obsessões complexas e desenvolvemos métodos similares de abordagem a essas questões. As casas espíritas que representamos ou dirigimos têm o cerne de suas atividades no estudo e na divulgação das idéias espíritas. Esses indícios foram suficientes para concluir que o espírito perseguia algo específico, havia um plano bem definido de sua parte.

Em dezembro de 2007, indaguei o espírito José Grosso a respeito do assunto, diante dos telefonemas trocados entre nós, os médiuns envolvidos com o mesmo espírito. Descubri que todas as histórias relatadas neste capítulo têm o mesmo protagonista. O tal espírito que apareceu para mim no episódio do hospital foi o mesmo que derrubou Everilda Batista quando se dirigia à Associação Espírita Vicente Pifano, em Governador Valadares. Também foi ele o embusteiro que se disfarçou

sob o nome de Estêvão em 1989, deixando-me várias outras mensagens, além da que citei. Mais tarde, a partir de 1992, o verdadeiro Estêvão se apresentaria a mim, sendo mencionado por Chico Xavier em mais de uma ocasião. O espírito adotara esse pseudônimo em homenagem ao mártir da Era Cristã.

José Grosso me esclareceu que, em 1997, o tal espírito se aproveitou da minha fragilidade física e emocional para projetar a imagem da criança, que foi contemplada por mais pessoas, além de mim, como realidade. Todavia, era uma projeção hipnótica de proporção espetacular. Segundo ele, a história não ocorreu da forma como nos recordamos; nossa percepção foi adulterada por equipamentos e por projeções hipnóticas de uma mente dotada de imensas possibilidades. O caso ainda está em andamento e os desdobramentos futuros certamente revelarão os mistérios de tão sofisticado recurso extrafísico. De todo modo, pude finalmente compreender o que dizia o mentor Zarthú: “Cautela, pois você não tem idéia de quanto ele é perigoso”. Com efeito, não tinha a mínima idéia.

Na época da hipnose coletiva, o guardião Jamar entrou em cena. Foi por essa razão que os benfeitores permitiram que o hipno de verde-musgo armasse seu circo dentro da própria sociedade espírita. Jamar, o especialista da noite, apresentou-se ao espírito como suposto aliado seu. Fez as vezes de agente duplo, mais ou menos como o próprio hipno. Disfarçado, o guardião ofereceu-se como parceiro da entidade, como se desejasse uma vingança contra mim em particular. Com tal iniciativa, teve acesso e conheceu os pormenores da ampla rede de laboratórios da qual esse espírito era um dos maiores representantes. Eram 28 organizações no total. O hipno pensou que estava enganando inclusive os mentores, porque transitava com certa liberdade; julgara não ter sido descoberto. No entanto, ele era o verdadeiro enganado, pois o tempo inteiro tinham ciência de suas intenções.

Jamar aproveitou a situação e mapeou os laboratórios da subcrosta. Graças à ação do espírito infeliz é que puderam ser escritos os livros *Legião*, *Senhores da escuridão* e outros mais, que ainda serão publicados. Tais obras têm o mérito de revelar as bases, a estrutura e o funcionamento das organizações sombrias, conscientizando os trabalhadores da última hora de um campo de batalha desconhecido. É preciso informação para enfrentar com acerto as investidas perpetradas contra as casas espíritas e as obras da civilização. Em resumo: um mal aparente transformou-se num bem maior; das trevas, fez-se a luz.

Embaixador de organizações do submundo, o referido hipno envolveu diversos médiuns atuantes, inspirando desavenças, intrigas, dossiês e fofocas. Tentou minar o trabalho de algumas personalidades e expoentes do movimento espírita - e ainda está tentando isso, numa atitude de desespero. Sua organização, evidentemente, está desmantelada, e restam ao hipno poucos seguidores. Tornou-se patente que é um espírito que se enquadra na categoria que Allan Kardec classifica como *mistificadores*. Apropriou-se de uma história contada nem sei por quem, em algum lugar, que não era a sua história pessoal. Formou imagens exatamente iguais e as projetou para diversos médiuns, em lugares diferentes. A todos, inclusive a mim, pediu que contasse sua suposta história, com o objetivo de desacreditar os envolvidos. Caso repetissem histórias idênticas pelo Brasil, afirmando que eram casos vivenciados individualmente, ele colocaria em xeque as informações e o trabalho de cada um desses médiuns.

Devo especialmente a José Grosso o esclarecimento de tudo o que houve. Sinto-me hoje muito satisfeito com o desfecho do enredo, a despeito do que vivenciamos e de ter sido, eu mesmo, mantido na ignorância acerca das implicações do caso, por mais de 10 anos. Caso me revelassem a verdade, todo o plano e o disfarce estariam a descoberto, conforme justificaram José Grosso e Jamar. Fico satisfeito ao saber que, de alguma maneira, pudemos contribuir para o esclarecimento desse intrincado e sofisticado processo, que ocupou pelo menos 20 anos de intensa atividade, dos dois lados da vida.

A conclusão desta aventura ainda está por ser escrita, uma vez que o hipno continua à solta, pelo menos até a data original de publicação deste texto. Os espíritos escreveram muitas histórias em minha vida e essa será mais uma, que o futuro me reserva. Assim como tantas outras que não couberam aqui, integrará novo volume em que pretendo continuar a descrever o que os Imortais têm me ensinado e realizado ao redor de mim. Afinal, os apóstolos Pedro e João já diziam: “Pois não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido”